DINIZ VITORINO

ABOLIÇÃO DO CATIVEIRO

CASA DAS CRIANÇAS DE OLINDA

Autor: Diniz Vitorino Ferreira

A ABOLIÇÃO DO CATIVEIRO

Liberdade é luz celeste
doirando os louros planêtas
o cativeiro um fantasma
que com estranhas carêtas
assombrou por muitos anos
as almas das gentes pretas

Considero o cativeiro
um vil abismo profundo
construido por mãos pôdres
por cima de um lodo imundo
para miséria dos pretos
e pra vergonha do mundo

Se o mundo imenso foi feito
pra grande luta dos sêres
nós já nascemos escravos
porem dos nossos deveres
não de abutres desumanos
que ambicionam poderes

Se todo corpo é falivel
e somente a alma se salva
alma injusta é suja e negra
e sendo justa é pura e alva
como os reflexos divinos
dos olhos da Estrela D'alva

Sobre igualdade de raças
eu já fiz muitos sonetos
que brancos e pretos mortos
juntando-se os esqueletos
ninguém distingue nos túmulos
ossos de brancos ou pretos

Brancos e pretos nasceram
de ventres materiais
se o espírito não tem côr
temos direitos iguais
na côrte sacra de Deus
o justo é quem ganha mais

No coracão do ser vivo
pode haver ódio ou amor
a pele é pano ralé
seja branca ou doutra côr
nada diz sobre a conduta
do justo ou do malfeitor

O homem de qualquer côr
vivendo com honestidade
faz jus a taça divina
do liquido da liberdade
vinho que Deus reservou
pra o espírito sem maldade

Para que haver no mundo
racismos ou preconceitos?
se nossos corpos se acabam
nossos sonhos são desfeitos
Deus só quer mesmo a pureza
dos corações sem defeitos

Se o preto tem como o branco
alma, vida e coração
e como poderia ser
tratado em forma de cão
prêso nos ferros cortantes
da maldita escravidão

O cativeiro ficou
pra os bois que sofrem maus tratos
trabalhando para os donos
se arrastando pelos matos
e quando cansam são mortos
para enfeitar nossos pratos

Cativeiro é para os cães
nossos íntimos sentinelas
que dormem nas nossas portas
guardando nossas janelas
e se conformam comendo
restos das nossas panelas

Se ainda houvesse escravos
para mim seria por certo
falta de respeito a Deus
que fez o homem liberto
qual brisa solta que beija
os areais do deserto

Se os pretos todos se igualam
a todos os seres vivos
na batalha são heróis
e no amor sempre emotivos
quais as razões que mandaram
que os negros fossem cativos?

Tornar um homem cativo
sem ele praticar crime
e entrar no mistico templo
rasgar o livro sublime
onde Deus expos as regras
do seu divino regime

Deus jamais quer que seus filhos
um com outro se rebele
o espirito bom Deus beija
o perverso Deus repele
lavra o termo e vira as costas
pra não ver a côr da pele

Deus é justo e sendo Deus
senhor de todos cristãos
nunca jamais deixaria
que alguns brancos cidadãos
tratassem como quadrúpedes
os nossos pretos irmãos

No palco desta existencia
todo ser merece palma
por ser construção divina
que Deus fez com muita calma
e a côr da pele não diz
o mérito justo da alma

Para grandeza do mundo
os seres foram criados
tanto brancos, como pretos
merecem ser respeitados
não trocados por dinheiro
como animais nos mercados

O cativeiro foi trono
do reino vil das desgraças
calabouço das misérias
altar das almas devassas
sela dos negros sem pátria
vergonha das outras raças

O cativeiro era pois
vergonha da humanidade
terreno estreito e lodoso
onde os dragões da maldade
estraçalhavam nas patas
os mantos da liberdade

Foi a misera a escravidão
o palacete das fúrias
onde Deus talvez nem fosse
para não ver as penúrias
dos pretos que se afogavam
na prodridão das injúrias

O cativeiro foi prédio
que os loucos edificaram
cujas colunas ruiram
destrossos sujos ficaram
com manchas claras dos crimes
que seus donos praticaram

Óh maldita escravidão
foste má porém morreste
com certeza onde estiveres
ainda não te esqueceste
dos nefandos crimes bárbaros
que no Br sil cometeste

Tu morreste escravidão
e hoje quente conforta
é o remorso que habita
na tua maléfica horta
pisando os ossos sinistros
da tua carcaça morta

Cativeiro tu estás preso
queres porém não te soltas
se fores solto te arrastas
e te arrastando não voltas
se voltares serás vítima
de todas nossas revoltas

Onde estarás cativeiro
com teus dogmas infelizes?
será que da árvore tua
ainda existem raizes?
ou foste expulso também
das terras doutros países?

Escravidão se ainda vives
noutros longinquos redutos
com certeza virão homens
pra cortar teus galhos brutos
e das tuas ramas visgosas
nunca mais veremos frutos

Escravidão miséravel
sei que queres reviver
tu queres porém não podes
o teu destino é morrer
depois de morta queimada
pra nunca mais renascer

No reinado da virtude
o mal não pode reinar
pode o prêto ser liberto
e o branco se escravizar
tudo depende dos atos
que o espírito praticar

Senhores o comentário
que em poucas estrofes fiz
foi para contar o drama
dos elementos servís
negros que a Africa exportava
pra os campos deste país

Enquanto o prêto chorava
soluçando amargamente
os brancos iam batendo
naquele pobre vivente
que sem fazer crime algum
ficara escravo da gente

Enquanto os prêtos tristonhos
profundamente gemiam
os mercadores covardes
alegres se divertiam
zombando dos prantos que
dos olhos negros caiam

Na solidão dos navios
os pobres negros choravam
paravam de soluçar
quando seus donos passavam
porque se os carrascos vissem
seus sofrimentos dobravam

Chegando a portos distantes
os prêtos eram vendidos
entregues a fúria bruta
de patrões desconhecidos
zombadores dos martírios
dos negros desiludidos/

Depois de vendidos eram
tratados como panteras
açoitados como cães
enjaulados como féras
e atirados como víboras
na prodridão das galéras

Quando em Olinda mandava
Duarte Coelho Pereira
Chegaram grupos de negros
para Pátria Brasileira
para o trabalho pesado
da zona canavieira

Os negros chegando aqui
trabalhavam como bravos
e por trôco recebiam
sôcos pontapés agravos
o pagamento mais vil
pra o trabalho dos escravos

Com a labuta dos prêtos
os engenhos progrediram
o câmbio negro cresceu
novos escravos surgiram
no comércio mais canalha
que os olhos do mundo viram

Nossos portos receberam
muitos navios negreiros
prêtos velhos, prêtos novos
desditosos extrangeiros
cruelmente eram vendidos
nos mercados Brasileiros

Progrediu de tal maneira
essa nefanda desgraça'
que qualquer homem de côr
era trocado na praça
por um masso de cigarros
e um botijão de cachaça

Depois de negociados
eram logo conduzidos
para os trabalhos forçados
descalços quase despidos
levando enxadas por armas
por sôbre os ombros feridos

Eram no engenho ferrados
com ferro da escravidão
se por acaso fugissem
para extranha região
eram logo procurados
pela marca do patrão

Depois dos prêtos marcados
ferrados como jumentos
iam todos pra senzala
onde os leitos são nojentos
tão sujos iguais ao lôdo
que aprodece os avarentos

A noite ali se deitavam
mais muito pouco dormiam
seus pretos membros chagados
terrivelmente doiam
machucados pelos ferros
e as pelas que lhes batiam

Quatro horas da manhã
estavam já levantados
e aqueles negros mais fracos
que inda ficavam deitados
eram chagados de novo
pelos chicotes malvados

Marchavam para o engenho
pra moer cana madura
para fabrico de açucar
mel cachaça, rapadura
os produtos principais
do tempo da escravatura

Igual um boi no ferrão
anualmente lutava
e so recebia pancadas
a cada passo que dava
por ser essa a lei brutal
pra gente da raça escrava

Forçosamente lutavam
pisando em pedras agudas
retalhando o lombo negro
nas crespas canas peludas
conformados como Cristo
vendidos por mãos de judas

No meio da raça escrava
casamento não havia
e quando surgia namôro
que o capataz descobria
as pancadas eram tantas
que com dez léguas se ouvia

De saudade alguns morriam
dos entes que longe estavam
muitos iam para as matas
os indios os devoravam
multiplicando a revolta
nas almas dos que ficavam

Quando um escravo fugia
sendo depois encontrado
era conduzido ao tronco
depois de chicoteado
aquele que não morria
tornava-se inutilizado

A cada dia que passava
mais aumentava a tortura
amargava mais o fel
da taça da desventura
que o destino reservara
pra o povo da raça escura

É triste, é duro é horrivel
viver de mãos calejadas
limpando terras alheias
com ferramentas pesadas
derramar suor de sangue
ser pago com bordoadas

Dessa forma meus amigos
por muitos e muitos anos
correntes grossas de ferro
dissabores desenganos
serviram de sofrimentos
para os irmãos africanos

Feridos pelas chibatas
dos brancos sem corações
os prêtos se revoltaram
alimentando ilusões
de se vingarem dos crimes
dos seus carrascos patrões

Quando alguns negros fugiam
pelos matos se embrenhavam
ao invés de pobres escravos
em tigres se transformavam
causando mêdo e pavôr
a todos que lhes cercavam

Mais logo após surgiu o tempo
em que grupos holandeses
atacaram e prenderam
num prazo de poucos meses
fazendeiros do Brasil
e ricaços Portugueses

Sendo os Brancos humilhados
passando enormes perigos
fugiam deixando ao léu
terras famílias abrigos
assustados com disparos
das armas dos inimigos

Assim as constantes fugas
de alguns ricos fazendeiros
deram chances para os prêtos
fugirem pra os taboleiros
buscando a paz desejada
nos matagais brasileiros

Nas matas se dividiam
em grupos sanquinolentos
destimidos e ferozes
quais leões bravos sedentos
pra lutarem contra os brancos
até os últimos momentos

Vendo seus corpos marcados
pelas pontas dos espêtos
diziam alto: daremos
todos nossos esqueletos
sangue, carnes e espíritos
pra liberdade dos prêtos

A noite inda saqueavam
as casas comerciais
dali retiravam panos
estivas e cereais
gritando seremos mortos
porém escravos jamais

Permaneciam nas brenhas
sagazes, bravos e francos
assim como as onças prêtas
que dormem pelos barrancos
sentindo séde de sangue
de todos os homens brancos

A cada passo que davam
da dôr vinha uma lembrança
e em cada espírito negro
retumbava uma esperança
ardiam chamas de máguas
num estopim de vingança

Êsses grupos se chamavam
de quilombos e palmares
vítimas da lei imoral
dos preconceitos vulgares
dos loucos usurpadores
dos direitos populares

Lá na Serra da Barriga
dos bosques alagoanos
os mais bravos dos quilombos
lutaram por alguns anos
em busca da liberdade
para os negros africanos

Num Palácio de madeira
feito em estilo grosseiro
estava o prêto Zumbi
destro e valente guerreiro
chefe dos negros quilombos
na época do cativeiro

Porém chegando o ano Mil
Seicentos Setenta e Seis
Manoel Lopes Galvão
tremenda armadilha fez
e quarenta e três quilombos
foram presos de uma vêz

Isso não desanimou
aos quilombolas valentes
que estavam cada vês mais
bravos, fortes, resistentes
lutando pela grandeza
e a paz dos seus descendentes

Mas com dois anos depois
o branco Fernão Carrilho
matou prendeu muitos negros
inclusive um jovem filho
do zumbi que defendia
seu povo com tanto brilho

Mesmo assim não fracassava
o reinado dos Quilombos
que houvindo gritos de guerra
e o triste rufar dos bombos
davam saltos que estalavam
até os músculos dos lombos

Então foi quando o governo
com gestos emfurecidos
a Domingos Jorge Velho
fez suplicantes pedidos
pra vir combater a fúria
dos escravos foragidos

Foi Domingos um paulista
forte d'olhos penetrantes
desbravador dos sertões
pelos campos mais distantes
cujas façanhas ilustrem
o livro dos bandeirantes

Domingos chegando aquí
pra Alagoas seguiu
enfrentou negros Quilombos
e vitorioso saiu
no combate mais dramatico
que a natureza assistiu

Os bandeirantes malvados
eram fortes como gringos
avançavam contra os negros
o sangue jorrava aos pingos
e a liberdade morria
nas mãos brancas de Domingos

Ainda durou três anos
a grande revolução
no ultimo ataque os escravos
tombaram mortos no chão
e aqueles que não morreram
voltaram a escravidão

Com a vitória dos brancos
intronizou-se a maldade
a corrução gargalhou
no lar da perversidade
na forca do cativeiro
sucumbiu-se a liberdade

Foi Domingos Jorge Velho
que unido a gentes nocivas
sacudiu lodosas águas
nas chamas claras e vivas
que crepitaram nas almas
das pobres gentes cativas

Desta forma exterminou-se
a grandeza dos Palmares
o reinado dos quilombos
explodiu foi pelos ares
e a liberdade chorou
envolta em véus de pesares

Os negros que regressaram
foram como vagabundos
massacrados e jogados
em frios quartos imundos
multiplicando a tortura
dos seus martírios profundos

Por qualquer uma bobagem
que um escravo praticasse
era cortado por ferros
depois chutado na face
até que o último suspiro
saísse e não mais voltasse

Por muitos e muitos anos
os pobres negros sofreram
até que alguns brancos viram
que os negros que aqui nasceram
não mereciam viver
na miséria em que viveram

Com a sucessão dos anos
o Brasil se transformou
o cativeiro caiu
o prêto se libertou
e no céu azul da virtude
o sol da glória raiou

Um dos grandes brasileiros
foi Euzébio de Queiróz
que bravamente acabou
o vil comércio feroz
que tornava os homens negros
inferiores a nós

Depois que o ilustre Euzébio
dá forte brado de guerra
o imperador concorda
e cria uma lei que encerra
tráfico dos homens negros
nos portos da nossa terra

Na lei do imperador
eram claros os dizeres:
Nesta Pátria, qualquer homem
que traficar com os sêres
há de perder seus návios
com todos os seus haveres.

Então com o fim do tráfico
foi dado o primeiro passo
nos campos da liberdade
onde Deus erguendo o braço
apontava o fim do reino
do cativeiro devasso

E a norma do ventre livre
criada pela princesa
foi como uma bomba atômica
pegou fogo de surprêsa
estourou matando os sonhos
da bruta raça burguesa

Pois a lei do ventre livre
bradava ao País inteiro:
quem nascer hoje ou depois
no vasto chão brasileiro
não terá vinculo algum
com o ingrato cativeiro

Pois antes disto as mães pretas
terrivelmente sofriam
sabendo que os filhos negros
que seus ventres concebiam
na marcha lenta dos anos
novos escravos seriam

Nem mesmo o leite materno
os negros saboreavam
porque mucamas cativas
aos brancos alimentavam
e só os subejos dos brancos
pra os filhos pretos ficavam

Mamando nas amas pretas
muitos brancos se criaram
E quantos filhos cativos
de fome não se acabaram,
sentindo falta do leite
que os filhos brancos roubaram?

A queda do cativeiro
e a morte do seu domínio
deve-se muito a Rebouças
dinâmico raciocínio
ao ilustre Sátiro Dias
e José do Patrocínio

Porem o braço mais forte
em favor dos africanos
foi o de Joaquim Nabuco
homem de dotes humanos
nascido entre arvores verdes
dos campos pernambucanos

Vou revelar aos senhores
numa estrofe meiga e doce
quem era Joaquim Nabuco
o lugar onde criou-se
como à causa dos escravos
febrilmente dedicou-se

Ele nasceu no Recife
nossa querida Veneza
onde a brisa mansa e frêsca
bafeja com macieza
suavisando a plumagem
do corpo da natureza

Eu mesmo fui visitar
a casa onde foi criado
um engenho pitoresco
hoje limpo e conservado
porém com claros vestígios
dos escravos do passado

Esse engenho tem o nome
de engenho Massangana
fica bem perto do Cabo
dentro da zona da cana
entre as planicies viçosas
da gleba Pernambucana

Lá se avista a casa grande
com salas e quartos vastos
alpendres velhos, pilares
que ainda não foram gastos
e ao lado uma várzea verde
onde os bois comiam pastos

Tem pra o lado do nascente
duas planícies iguais
onde transborda um riacho
por entre os canaviais
tangendo as lembranças mortas
que não viverão jamais

Ainda existe por trás
a Capela São Mateus
onde Nabuco em criança
orava ao lado dos seus
revelando infantilmente
seus sentimentos a Deus

Aquela velha capela
ainda conserva os restos
da saudosa dona Ana
que com seus dogmas honestos
foi mãe justa e carinhosa
para os escravos modestos

Se encontra em frente a Senzala
onde os escravos viviam:
saudosa para os patrões
que dos pretos se serviam
e triste para os escravos
que nela se consumiam

Eu só não vi em Massangana
os vestígios desgraçados
dos pelourinhos malditos
onde negros despresados
eram nos outros engenhos
brutalmente retalhados

Ali Nabuco passou
os dias febris da infancia
nessa época já sentia
as chamas mágicas da ânsia
queimando as grades de ferro
do cárcere da ignorancia

Inda criança brincando
com seus escravos fiéis
um escravo foragido
pediu beijando seus pés
que o comprasse pra livra-lo
dos seus senhores crueis

Nabuco penalizou-se
e pediu a nobre madrinha
que comprasse aquele escravo
que chorando aflito, vinha
marcado pelas leis buscas
duma escravidão mesquinha

A partir daquele dia
êle fez um juramento
de lutar pelos escravos
com arrogancia e talento
contra os senhores sem alma
escrúpulos nem sentimento

O seu juramento foi
juramento de criança
mas foi forte qual a rocha
que o furacão não balança
limpo e puro igual o reino
onde a virtude descança

Em Massangana ficaram
os seus dias infantis
despediu-se do seu povo
foi para o sul do país
estudar pra combater
o cativeiro infeliz

Inda jovem freguentou
os bancos da academia
cada passo cada frase
cada letra que escrevia
era tirando os escravos
das guarras da tirania

Sempre estudava, escrevia
pela folhas do jornais
cada artigo que pensava
era uma lâmina a mais
cortando a árvore sinistra
do cativeiro voraz

Num dos jornais de São Paulo
ele fez severas críticas
sempre a favor dos escravos
contra as pessoas sumíticas
que se afogavam na lama
das miséraveis políticas

Seu pai Nabuco Araújo
que era membro do senado
sempre escrevia lhe dizendo
deixe a politica a um lado
e cuide dos seus estudos
que dão melhor resultado

Mas Nabuco nem ligou
o que seu pai lhe ordenava
seu sangue nobre fervia
o seu espirito bradava
clamando amor e justiça
para toda raça escrava

Depois que bacharelou-se
aumentou mais a labuta
ninguem ousava quebrar
seus armamentos de luta
nem destruir a bravura
da sua heroica conduta

Sua entusiastica voz
era uma lâmina comprida
cortando do cativeiro
a ultima raiz da vida
soerguendo a liberdade
que a tempo estava caída

Mas com o avanço dos anos
morreu seu pai muito amado
o seu coração ficou
duas vezes enlutado
pela morte do seu pai
e pelo povo escravisado

Após a morte do pai
Nabuco candidatou-se
sendo eleito deputado
ainda mais esforçou-se
com poucos anos de luta
o cativeiro acabou-se

Nabuco dentro da câmara
ergueu fortes plataformas
descursava combatia
lutava de muitas formas
contra todos que viessem
contrariar suas normas

Continuou convencendo
homens mulheres rapazes
se alguem quizesse intervir
contra suas claras bases
jamais achava argumentos
pra rebater suas frases

Nas reuniões da câmara
descursava toda hora
e o misero cativeiro
pensava como ir embora
a liberdade já estava
botando a face de fora

Se qualquer um se opusesse
contra as normas de Nabuco
firmemente era batido
findava quase maluco
preso nas teses legais
do héroi de Pernambuco

Foi quando Pedro Segundo
cofre de amor e prudencia
adoentado afastou-se
já velho e sem resistencia
passando para a princesa
a diretriz da regência

Quando a princesa assumiu
a sua primeira atitude
foi pensar fazer ataques
ao vil cativeiro rude
inimigo da justiça
assaltante da virtude

Ela, a frente do combate
de escravos contra senhores
entusiasmado o povo
jogava cravos e flores
perfumando as almas justas
dos grandes libertadores

Nabuco com Patrocinio
cada qual mais inspirado
faziam discurso fortes
das janelas do senado
multiplicando a fé viva
do negro humilde explorado

Nabuco chorava e ria
esboçando sentimento
por saber que o cativeiro
chegou qual bruto avarento
e morria como faminto
sem lar e sem alimento

Pois em dezoito oitenta e oito
a treze do mes de maio
a mão branca da princesa
sacudiu seu último raio
queimando a última esperança
do cativeiro lacaio

Quando a princesa assinou
os papeis que inda restavam
atá mesmo as trevas negras
em luzes se transformavam
iluminando os espiritos
dos que libertos ficavam

Quando os escravos souberam
que já estavam libertados
saltavam pelos caminhos
felizes regozijados
como se em verdade fossem
anjos livres sem pecados

Nabuco quase em delirio
chorava, depois sorria
ficou como uma criança
que falava e não sabia
se gritasse de contente
ou morresse de alegria

Os escravos se abraçavam
chorando pela cidade
outros rolavam por terra
rindo de felicidade
osculando mãos e pés
dos heróis da liberdade

O cativeiro foi espulso
desta patria brasileira
viva a princesa Isabel
alma justa e prasenteira
Joaquim Nabuco, o apóstolo
da liberdade negreira

Muitos negros regreçaram
alimentando esperanças
deixando aqui seus costumes
jogos batuques e danças
que os brasileiros conservam
como infindaveis lembranças

Aqui não ha mais escravos
porem no Brasil ficou
a velha supertição
dos Bantús e do Nagô
e o compaço do batuque
do zabumba do xangô

Nossa geração conserva
e sempre conservará
cangica, xerem, pamonha
a muqueca o manguzá,
o bolo pé de moleque
angu-mole e vatapá

Massangana o velho engenho
inda hoje é conservado
por ser tela colorida
ondo se encontra estampado
o quadro emocionante
dos escravos do passado

Inda existe a casa grande
e algumas velhas taperas
marcos que não se renderam
ao vil carrasco das héras
rei que extermina as sementes
das flôres das primaveras

Inda resta a capelinha
com imagens esculpidas
e os velhos desenhos sacros
são reliquias coloridas
recordações que jamais
serão por nós esquecidas

As paredes da capela
feitas em tempos remotos
as cortinas desbotadas
são claras e vivas fotos
das orações piedosas
de alguns escravos devotos

No cemitério dos negros
a brisa paira e descansa
procurando confortar
a alma humilhada e mansa
daqueles que não deixaram
nenhuma cruz por lembrança

Quem fôr nesse cemitério
não encontrará mínimas provas
que as cruzes velhas caíram
ninguém botou cruzes novas
a terra cicatrizou
tirando as marcas das covas

No lôdo daquelas covas
restam sómente as ossadas
por cima não nascem flôres
se nascem são machucadas
pelos pés dos transeuntes
que passam pelas estradas

E assim quem for visitar
aquelas velhas paragens
verá com os olhos da alma
quadros, retratos, imagens
rastros de negros cativos
no fresco chão das paisagens

O certo é que o cativeiro
já morreu não volta mais
hoje os homens brasileiros
são como espadas reais
defendendo o pavilhão
da liberdade e da paz

Aqui termino a história
dos cruéis escravocratas
a batalha de Nabuco
desde as mais remotas datas
contra os brancos criadores
da bruta lei das chibatas

FIM

4630

FOLHETEIROS E REVENDEDORES

A CASA DAS CRIANÇAS

tem mais de 100 folhetos publicados.
Peçam um exemplar de cada folheto.
A remessa será feita de graça.

★

10% da tiragem de todas as publicações vai em benefício da Associação dos Poetas e Artistas Populares do Nordeste

★

CASA DAS CRIANÇAS DE OLINDA

ESTRADA DO MONTE, 744

TELEFONE — 4 29 1630 — OLINDA

SNB